

Doce Vida *congresso*

O primeiro escalão parlamentar que foi observar de perto a 49a. assembléia-geral da ONU conseguiu um efeito que não estava nos seus objetivos: a reação interna na Câmara dos Deputados, diante da repercussão negativa na opinião pública. A questão vai servir de marco para uma campanha de moralização dos costumes políticos já na campanha para a presidência da Câmara.

O turismo parlamentar prosperou à sombra frondosa do autoritarismo, quando o Congresso nada tinha a fazer para justificar sua existência, exceto emprestar, para uso externo, aparência de legalidade ao regime. (Tem muito a fazer, mas pouco faz porque o turismo fala mais alto.) Nada impedia que deputados e senadores fossem desancados pela ociosidade, mas, sendo vedado falar mal de governantes, a imprensa esquivava-se de fazer o jogo da ditadura. Eles se aproveitaram.

A situação mudou mas a representação política continuou como nos tempos em que era protegida pela censura. Os parlamentares ficaram obesos de privilégios, enquanto os resultados eram esqueléticos. A opinião pública manifestou em vão o seu inconformismo, enquanto deputados e senadores ignoravam solenemente as críticas até que o eleitorado, a cada eleição, passou a degolar metade da casa.

Os deputados Miro Teixeira (PDT-RJ) e José Genoíno (PT-SP) resolveram valer-se da sucessão doméstica, à qual se habilitam sob a bandeira da moralização dos costumes parlamentares, para acabar com a farra cívica às custas do contribuinte. Miro quer acabar com o espírito de piquenique com

que se organizam verdadeiras expedições turísticas ao exterior, sem qualquer benefício além do pessoal. Dispensados de prestar contas do dinheiro (US\$ 300 de diária), não são obrigados sequer a ficar fora o número de dias pelos quais recebem.

Enquanto não se fixam critérios saneadores, Miro quer a suspensão do privilégio. É uma pena que os dois defendam critérios severos para uma prática sem qualquer objetivo, que seria melhor extinguir. É ilusão pretender que o turismo parlamentar, mesmo compactado em apenas uma parelha, possa ser útil para o país ou mesmo para o Congresso. Por melhores que sejam os critérios, o resultado será pífio. O presidente do Senado, Humberto Lucena, em posição desconfortável, resolveu ficar por aqui este ano mas escolheu nove pares pelo espírito corporativo para confortar os que não conseguiram manter o mandato. Já os 30 deputados selecionados por Inocêncio Oliveira foram, em grande parte, premiados por serem, como ele próprio, nordestinos convictos e pefelistas integrados.

A redução drástica das caravanas (de 30 para apenas dois) ou, como quer Genoíno, com missão a cumprir, relatório e troca de experiência, são paliativos. Que capacidade de observação podem ter parlamentares que sequer desconfiam do ridículo que fazem nessas expedições turísticas? Em 15 dias, com a polpuda diária de US\$ 300, podem no máximo observar por dentro grandes lojas de departamento ou assistir boquiabertos a grandes musicais, porque mais do que isto está acima da capacidade de entender o que ouvem ou de ler o que estiver diante dos olhos.

JORNAL DO BRASIL
18 NOV 1961